



REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

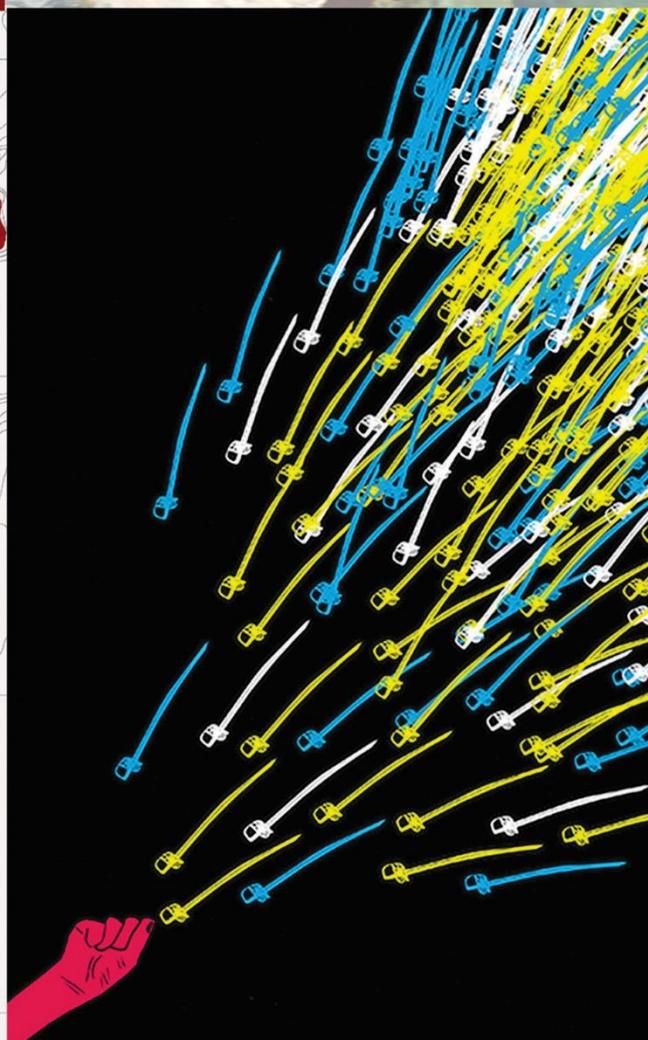
VOL. 05, Nº 2 - 3º TRIMESTRE - 2020

ISSN 2448-1793

NOSSOS

Dossiê
20 anos

Curso de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Estadual de Goiás



DESENCANTO ENCANTA COM SEU CARNAVAL DE RUA: FUNDAÇÃO E PRIMEIRAS APRESENTAÇÕES

DESENCANTO ENCHANTS WITH ITS STREET CARNIVAL:
FOUNDATION AND FIRST PROPOSALS

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4667820>

Envio: 14/08/2020 ♦ Aceite: 14/10/2020

Nélia Cristina Pinheiro Finotti



Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Especialista em Docência Universitária, pós-graduada em MBA Gestão Executiva com ênfase em liderança. Graduada em Design de Moda pela UNIVERSO e em Pedagogia pela FALBE. Participante do grupo de estudos GEFOPI.

RESUMO:

O artigo discute o Carnaval de Rua da Escola de Samba Acadêmicos de Trindade do Grupo Teatral Desencanto em seus mais de trinta anos, cujas atividades começaram em 1988 e, desde então, organiza os principais movimentos culturais da cidade, divulgando o estado de Goiás até internacionalmente. Assim, objetivamos analisar a fundação e as primeiras apresentações do Grupo, os enredos e fantasias, e conferir as representações simbólicas das vestimentas do carnaval. Tendo como objeto de pesquisa essas vestimentas questionamos: o Grupo Teatral Desencanto traz em suas vestimentas originalidade regional ou emulação de outros figurinos do carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo? A pesquisa é de abordagem qualitativa e bibliográfica descritiva com estudo de caso, coleta de dados por meio de observações registradas em caderno de campo, entrevistas semiestruturadas e questionários.

PALAVRAS-CHAVE: Vestimentas. Grupo teatral Desencanto. Carnaval de rua.

ABSTRACT:

The article discusses the Street Carnival of the Samba School Academicos de Trindade, from the Desencanto Teatral Group in its more than thirty years, whose activities began in 1988. Since then, the group has organized the main cultural movements in the city, publicizing the state of Goiás. internationally. Thus, we seek to analyze the foundation and the first presentations of the group, their plots and fantasies, in addition to checking their symbolic representations of the costumes of Carnival. Analyzing these garments, we ask: does the Grupo Teatral Desencanto bring in its costumes regional originality or just emulation of other costumes from the Carnival in Rio de Janeiro and São Paulo? The research has a qualitative and descriptive bibliographic approach, with a case study, data collection through observations recorded in a field notebook, semi-structured interviews and questionnaires

KEYWORDS: Clothing. Desencanto theater group. Street Carnival.

INTRODUÇÃO

O Grupo Teatral Desencanto se tornou uma companhia teatral atuante nas manifestações culturais e religiosas de Trindade, marcado por uma singularidade, pois transita em vários momentos de organização e participação de festividades regionais por meio da produção de vestimentas e estilos multiplurais de arte, seja pelo teatro, pela dança e outras expressões.

Dentre as múltiplas atuações do grupo, fizemos o recorte para a nossa investigação no Carnaval de Rua, sua fundação e primeiras apresentações, com o objetivo de analisar a fundação e as primeiras apresentações do Grupo Teatral Desencanto, os enredos e fantasias, assim como conferir as representações simbólicas das vestimentas do carnaval dos Acadêmicos de Trindade. Para tanto, partimos do questionamento: o Grupo Teatral Desencanto traz em suas vestimentas originalidade regional ou emulação de outros figurinos do carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo?

A metodologia adotada para a investigação foi a abordagem qualitativa/interpretativa, com pesquisa bibliográfica e estudo de caso, tendo como base teórica Canclini (1980); Da Matta (1986; 1997); Eco (2007; 2018); Ferreira (1999); Jemenez (1999); Luz (2018); Muniz (2004); Souza (2013); Pavis (2015; 2017); e Viana e Bassi (2014).

O Grupo Desencanto se tornou uma associação que trabalha várias questões sociais que envolvem a comunidade trindadense, seja nos processos de construção das vestimentas, nas apresentações culturais ou na qualificação profissional para o mercado de trabalho. Pode-se considerar que o grupo contribui com a sociedade por meio do teatro, desenvolvendo a cultura local.

A pesquisa aponta que há uma originalidade nos figurinos desenvolvidos pelo Grupo Teatral Desencanto, cujos materiais e elementos são de cunho regional.

1 - ESCOLA DE SAMBA ACADÊMICOS DE TRINDADE

O Carnaval de Rua da Escola de Samba Acadêmicos de Trindade – que pertence ao Grupo Teatral Desencanto e cujo nome foi escolhido para, segundo Amarildo Jacinto¹, “trabalhar a valorização da nossa cidade de Trindade, valorizar o nosso povo, nossa gente, nossa forma de fazer teatro, nossa forma de valorizar a cultura local” – teve início no carnaval de 1989, em forma de brincadeiras. Como descreve Da Matta (1986, p. 71) “todos os sistemas constroem suas festas de muitos modos, no caso do Brasil, o maior e mais importante, mais livre, mais criativo, mais irreverente, mais popular de todas é, sem dúvida, o carnaval”.

Jacinto diz que “a cidade não possuía um carnaval pra que a comunidade pudesse brincar. Foi organizado umas fantasias e o grupo foi pra rua apresentar um carnaval, e foi convidando a comunidade” (Entrevista: vide nota 1). Isso demonstra que o grupo foi para as ruas brincar/representar, pois não havia nenhuma pretensão de ser uma escola de samba submetida a avaliações ou premiações no sentido carnavalesco, mas sim com o objetivo de levar arte e cultura para a comunidade para que todos participassem. Além disso, tinha o objetivo de proporcionar um espetáculo teatral participativo entre atores e comunidade, sendo essa a ideia inicial do grupo ao pensar o carnaval. Porém, perceberam que a comunidade aceitou bem a proposta e que o carnaval poderia contribuir muito com o crescimento do grupo na referida cidade.

¹ Entrevista concedida por Amarildo Jacinto em 22 de janeiro de 2019. Entrevistadora: Nélia Cristina Pinheiro Finotti. Trindade, Goiás.

Esse crescimento do grupo desencadeou, dentre outras coisas, a criação de uma associação devidamente registrada, com CNPJ, regulamento e estatuto próprios para legalizar a situação jurídica do Desencanto. Mesmo possuindo diversas atividades, dentre elas a escola de samba, todas são pertencentes ao Grupo Teatral Desencanto, ou seja, é uma única empresa com diversos ramos de atividade.

Ao perceber que, por meio do carnaval, poderiam ser formadas muitas pessoas da comunidade para serem inseridas no grupo, Jacinto relata que

[...] o carnaval foi criado pra resolver umas situações; se tenho um movimento de carnaval dentro do grupo com muita gente, é bom até pra conviver em sociedade, formar o cidadão. Tenho uma sequência de pesquisa de material pro grupo, pois o carnaval é rico em variedades de materiais e de possibilidades na construção de figurinos (Entrevista: vide nota 1)

Neste contexto, o grupo percebe a possibilidade de construir um acervo de materiais para os figurinos de carnaval, posto que, por meio dessa festa, teriam vários materiais para construção de todo o folguedo e que, para além disso, poderiam utilizar os adereços em outros figurinos de tantas peças por eles encenadas. Foi percebida, ainda, a possibilidade de inserção da comunidade trindadense no grupo e, com esse desejo, foi feito um chamado à população com uma grande divulgação, informando que haveria uma escola de samba em Trindade e ressaltando que quem quisesse participar, bastaria realizar a inscrição em ficha específica.

Para fazer parte do grupo ou da escola de samba, bastava se inscrever, independente do poder aquisitivo, grau de instrução ou qualquer outro pré-requisito. No carnaval, todos eram considerados iguais e, na maioria dos casos, os inscritos eram pessoas de situação financeira menos privilegiada. Sobre isso, Da Matta (1997) diz que, no carnaval, os desfiles são organizados e levados a efeito por meio de organizações privadas que, em geral, reúnem como corpo permanente pessoas das camadas mais baixas e marginalizadas da sociedade local. O autor ainda destaca que “essa teatralização salienta o caráter domesticado da transmutação de pobre em nobre” (DA MATA, 1997, p.59).

Da Matta (1986) relata que o carnaval é definido como liberdade e como possibilidade de viver uma ausência, fantasia utópica de miséria, trabalho, obrigações, pecado e deveres. Em outras palavras, trata-se de um momento em que se pode deixar de viver a vida como um fardo e castigo; no fundo, a oportunidade de fazer tudo ao contrário: viver e ter uma experiência do mundo. Com o carnaval, começa o prazer, a riqueza, o luxo, a alegria, o riso. Também há o prazer sensual que fica finalmente ao alcance de todos. Ainda discorre o autor que o carnaval no Brasil é percebido como algo que vem de fora, como uma onda que nos domina, controla, melhor, ainda seduz inapelavelmente.

Desta forma, acredita-se que o Grupo Desencanto não foi diferente em relação ao carnaval por eles construído e constituído. A população precisava estar inserida no grupo, ou seja, participar dos ensaios e, se não soubesse dançar, aprenderia, participando de aulas específicas de dança. Assim, foram desenvolvidos vários cursos de dança, além de construção de figurinos, e também de construção de carros alegóricos e de esculturas, qualificando tanto artisticamente quanto profissionalmente os participantes.

Junto com a escola, vieram várias outras atividades e, igualmente, sua organização com a elaboração do regimento e do regulamento. A Ilustração 01 mostra o modelo de carteirinha que os componentes recebiam ao realizar a inscrição que foi um dos elementos constituintes da institucionalização do grupo.

Ilustração 01 – Carteirinha de identificação dos inscritos no Grupo Desencanto

<p>"A cultura de um povo se mede pelo seu esforço e amor a arte"</p> <p>ESCOLA DE SAMBA ACADÊMICOS DE TRINDADE Trindade - Goiás CGC/MF: 26718833/0001-86</p> <p>GRUPO DESENCANTO IDENTIDADE CULTURAL</p>		<p>O portador desta é membro participante da Escola de Samba Acadêmicos de Trindade que desce a avenida no tradicional desfile carnavalesco no domingo de carnaval.</p> <p>Endereço do participante: _____</p> <p>Trindade, Go., _____ / _____ / _____</p> <p>_____</p> <p>Diretor</p> <p>_____</p> <p>Portador</p>
<p>Portador: _____</p> <p>FOTO</p>	<p>Válida _____</p> <p>Natural de _____</p> <p>Estado _____</p> <p>Data Nasç. _____</p> <p>Participação _____</p>	

Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1992).

Para se inscrever como participante, não havia critérios específicos, mas precisava ter responsabilidade e participar dos ensaios, das preparações das atividades, fossem elas para arrecadar verbas, para realizar trabalhos manuais ou para confeccionar os figurinos. Jacinto esclarece que “[...] as pessoas iam chegando no grupo como participantes do carnaval e aos poucos estavam inseridos em várias atividades do grupo” (Entrevista: vide nota 1).

1.1 PRIMEIRAS APRESENTAÇÕES DA ESCOLA DE SAMBA ACADÊMICOS DE TRINDADE

O primeiro ano do carnaval, em 1989, começou com os próprios membros do grupo que tiveram a ideia de ir para a rua brincar. Por ser um grupo teatral, entenderam que seria uma representação quando estivessem nas ruas fantasiados, pois não tinham muita noção da grandiosidade de uma escola de samba e toda sua formação. Neste sentido, a roupa do dia a dia passa a ter uma conotação de figurino, como comenta Pavis (2017, p. 162): “a representação teatral compartilha com a fantasia essa mistura das temporalidades e este embaralhamento da cena real e da cena fantasiada”.

Aos poucos, timidamente, os membros do grupo foram tomando as ruas com suas fantasias carnavalescas e convidando a comunidade trindadense para participarem da escola de samba e irem para a rua brincar. Muitos aceitaram o convite e, neste mesmo ano, participaram aproximadamente cem pessoas. Com o tema ‘Trindade Cultural’, relatando a cultura já existente na cidade, a poesia, a música e, em especial, a religiosidade, a escola representou na rua um samba enredo da religiosidade e da fé, sendo fiel à cultural local.

As fantasias que foram para a rua eram elementos reaproveitados que se tornavam adereços como bonés, perucas de palhaço, bambolê, dentre outros. Jacinto relata que “todos foram pra rua brincar, apresentar nossa arte e incentivar a comunidade a se envolver nas ações do grupo” (Entrevista: vide nota 1). A partir dessa tímida movimentação, as pessoas foram chegando e, devagar, tomando a avenida principal da cidade.

Da Matta (1986) esclarece que, no carnaval, é permitido a troca, ou a substituição dos uniformes pelas fantasias. Sabemos que o uniforme como todas as

vestes formais do mundo, cria uma ordem, as regras do vestir. O uniforme é uma roupa que padroniza, isto é, faz com que todos fiquem iguais, sujeitos a uma mesma ordenação. Mas para além disso, a fantasia permite a invenção e a troca de posições.

No carnaval de rua do Desencanto, todos envolvidos puderam se fantasiar e criar inúmeras representações, ou seja, os primeiros figurinos do carnaval de rua foram os do acervo do grupo, como algumas peças utilizadas em apresentações teatrais anteriores, ou ainda, as roupas dos próprios componentes transformadas em trajes de folgado, como é possível observar na Ilustração 02.

Ilustração 02 – Carros alegóricos e fantasias do primeiro carnaval de rua do Desencanto



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1989)

O grupo foi para a avenida numa tarde de domingo de carnaval, utilizando as vestimentas do cotidiano, assim como destaca Muniz (2004, p.21) ao dizer que “no teatro medieval, a roupa era simplesmente levada da rua para o palco”. Observa-se que não muito diferente, o Grupo Teatral Desencanto utiliza o mecanismo do teatro

medieval ao se apropriar de vestimentas civis e transformá-las em traje de cena, e também faz o inverso do que Muniz (2004) fala, ou seja, leva a roupa do palco para a rua. Desta forma, colabora Souza (2013, p.23), ao teorizar que “[...] o figurino pode ser compreendido como traje de cena. Sua composição pode se dar com roupas e acessórios do cotidiano ou com vestimentas produzidas especificamente para personagens, interpretes, bailarinos, apresentadores e outros”.

Aqui, estamos falando de figurinos de Carnaval que estão carregados de outros elementos que os caracterizam como tal. É notável que os figurinos do Desencanto transitem entre trajes de cena a trajes de folguedo, ou seja, os componentes do grupo buscam suas fantasias no acervo do teatro, cujas peças eram utilizadas em representações diversificadas. Diante disso, contribui Luz (2013, p.130), enfatizando que “assim o carnaval foi dialogicamente se autoconstruindo, permitindo-se ser uma obra aberta que tem permissão para reinventar-se, retornando a seu passado para buscar novas referências para o futuro”.

As reinvenções abarcaram também os carros alegóricos que são veículos antigos transformados com alguns elementos, mas que mantém a forma original e são referências ao passado. Neste contexto, Jacinto fala que precisavam de carros alegóricos e não tinham recursos financeiros para as alegorias e, por isso, levaram para a avenida carros antigos emprestados por componentes do grupo e de conhecidos (Entrevista: vide nota 1). Neste caso, o grupo busca em seus figurinos, cenários e alegorias a simplicidade nos elementos constituídos para tal representação e os transformam. Sobre isso, Pavis (2017, p.168) relata que “[...] na encenação contemporânea o figurino tem papel cada vez mais importante e variados tornando-se verdadeiramente segunda pele do ator”.

Assim, foi apresentado o primeiro carnaval de rua em Trindade. No ano seguinte, em 1990, a Escola de Samba Acadêmicos de Trindade se fortalece e começa a se organizar em blocos, mesmo que de forma bem simples. Com o tema “O circo” e o samba enredo “Olha o Circo”, a escola levou para a rua carros alegóricos, blocos de palhaços, jaulas com feras, dentre outras atrações. Nos carros alegóricos, como o dos palhaços, por exemplo, apresentado na Ilustração 03, a escola se valeu de grande

criatividade, pois conseguiram construir um carro completo com material reciclável: rodas usadas de bicicletas; madeiras de caixas de frutas; faróis de carros que foram doados por um ferro velho da cidade; cobertura de papelão e pintura com as cores propostas para o figurino.

Ilustração 03 – Carro Alegórico Charanga dos Palhaços



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1990).

Esse carro dos palhaços foi chamado de Charanga dos Palhaços, e fez o maior sucesso na avenida e, com elementos do cotidiano, foi composto por um carrinho de pipoca enfeitado de balões e pintado com as cores da escola: azul e branco. Pode ser observada a presença dos palhaços que levam o carro pela avenida, cujas vestimentas e perucas – que também trazem a cores da escola – foram confeccionadas com plástico para a produção dos figurinos. O outro carro alegórico que pode ser apresentado como um produto constituído de elementos do cotidiano é o que carregava as jaulas dos

animais e que anunciava na avenida que o circo estava chegando na cidade. Como não havia verbas para compor carros alegóricos, o grupo buscava diversas alternativas e uma delas foi solicitar à Prefeitura Municipal tratores e outros veículos em que pudessem ser construídos alguns dos carros para o desfile na avenida, como pode ser visto na Ilustração 04.

Ilustração 04 – Carro Alegórico de jaulas construído sobre máquina agrícola



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1990).

Observa-se, nessa ilustração, que a máquina carrega uma jaula e, dentro dela, há uma mulher com roupa estampada de onça, representando o animal. Essa jaula era feita de madeira de reciclagem, ou seja, eram restos de caixas de madeira sobre a qual desfilava uma componente do grupo.

Uma vez que o circo era o tema e o enredo da escola de samba, não poderia faltar a Ala dos Palhaços e estes carregavam um cetro com um palhacinho na ponta. As vestimentas desses integrantes eram de construção simples: calças de cetim e, no pescoço, as famosas saias de bailarina, fazendo alusão a uma gola de palhaço, conforme mostra a Ilustração 05.

Ilustração 05 – Ala dos palhaços



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1990).

Essa Ala dos Palhaços vinha logo após o Carro Alegórico dos Palhaços – como também pode ser observado na extrema esquerda da Ilustração 05 – e era um bloco composto por homens, mulheres, jovens e crianças.

Como em todo desfile carnavalesco, não poderia faltar a Ala das Baianas. Na Ilustração 06, é possível ver uma integrante da Ala das Baianas e duas crianças que integravam a Comissão de Frente Mirim.

Ilustração 06 – Integrantes da Ala das Baianas e da Comissão de Frente Mirim



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1990).

As crianças da Comissão de Frente estavam com o figurino representando as onças do cerrado goiano, porém essa representatividade era mais pela pintura em destaque no rosto do que pelo figurino. Outro fato que chama a atenção são os bastões com flores do cerrado que também foram utilizados pelos soldados na Caminhada de Fé – outra encenação do Desencanto, só que religiosa, na Festa do Divino Pai Eterno de Trindade – transformando-se nas espadas dos soldados. Assim, percebe-se que as vestimentas e os adereços transitam nas diversas representações do grupo, do profano ao sagrado.

Na Ilustração 06, pode-se verificar, ainda, a imagem da baiana representada por um vestido branco de morim e detalhes pretos feitos com fita isolante, um produto comum utilizado para proteção de fios de eletricidade. Na ausência de materiais próprios, são exploradas outras possibilidades em materiais alternativos para a construção dos figurinos almejados. O turbante, elemento fundamental para compor o figurino das Baianas, foi feito apenas com um tecido em forma de lenço, amarrado na cabeça. Já os famosos colares e seus exageros em cores aparecem na composição do figurino de forma minimalista; e, para a armação das saias, foram utilizados bambolês que eram elementos que o grupo já tinha.

Ao considerar o que o Desencanto fez para a composição das vestimentas e adereços para desfile de carnaval, trazemos o que Viana e Bassi (2014) teorizam sobre as fantasias de composição como aquelas que vestem os brincantes que desfilam em cima de alegorias, e que traz as estruturas para ajudar a criar e preencher as alegorias e fantasias.

A partir de 1991, o carnaval se torna mais profissional e, como era preciso ter um tema, uma história a ser contada, precisavam mais ainda de figurinos e acessórios; tinham que construir os blocos, as alas, os carros alegóricos, dentre outros. Para tanto, era necessário investimento financeiro para garantir que a escola pudesse ter uma identidade própria e, além de tudo, desfilar. Neste ano, o grupo conseguiu formar um pouco mais de blocos, de alas e de carros alegóricos e, com o tema “Miscigenação Brasil”, foram construídas as Alas dos Índios, das Baianas, a Comissão de Frente, o Mestre-sala e a Porta-bandeira, entre outros.

A Ilustração 07 apresenta a Ala dos Índios com as vestimentas compostas com saias e cocares feitos de penas e também as máscaras representando as pinturas no rosto feitas pelos índios.

Ilustração 07 – Ala dos Índios



Desencanto Encanta com seu Carnaval de Rua

Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1991).

O carnaval de rua apresenta uma miscigenação de cores, formas e alegrias, como apresentado na Ilustração 07. Viana e Bassi (2014) dizem que as fantasias produzidas para e pelo carnaval devem ser entendidas como produtos de um tecido social. Há, na avenida, uma representatividade de culturas diversificadas, assim como Pavis (2015) descreve que

[...] essa inclinação é comum aos membros de um mesmo grupo. O ator também possui uma cultura que é a do seu grupo e que adquire principalmente na fase preparatória da encenação. Este processo de *enculturação*, consciente ou inconsciente, faz com que assimile as tradições e as técnicas (especialmente corporais vocais e retóricas) do seu grupo. O ator pertence a uma determinada cultura, a partir da qual possui certezas e expectativas, técnicas e hábitos de interpretação, dos quais não podem mais prescindir (PAVIS, 2015, p.09)

No carnaval, os Acadêmicos de Trindade procuram levar uma homogeneidade em suas apresentações, mas por meio desta mistificação cultural, cada um leva consigo seu jeito particular de representar na avenida. Assim como descreve Burke (2008, p. 40) quando afirma que “uma outra alternativa óbvia para a suposição da homogeneidade cultural é distinguir entre cultura erudita e cultura popular em uma dada sociedade”.

Na Ilustração 08, observa-se a Ala das Baianas no carnaval de 1991, sendo que os vestidos tinham mais volume e, na barra, foram colocadas fitas de cetim. Contudo, mantiveram a mesma identidade, ou seja, fitas pretas e armação na última saia com bambolês.

Ilustração 08 - Ala das Baianas do carnaval de 1991



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1991).

Os acessórios das baianas são os turbantes de tecido, os colares, as pulseiras e os brincos que são elementos particulares do cotidiano delas. É possível observar, na Ilustração 08, que esses acessórios são diferentes para cada uma das baianas – até

mesmo os sapatos são diferentes, ou seja, cada participante utilizava as roupas feitas pelo grupo e os acessórios de seus usos pessoais.

Na Comissão de Frente, vista na Ilustração 09, o desfile de 1991 apresentou uma mistura de raças, de povos e de diferentes etnias, apresentando a miscigenação do Brasil com vários figurinos contando a história.

Ilustração 09 – Comissão de Frente do carnaval de 1991



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1991).

Na Comissão de Frente, a escola anuncia o tema do carnaval e, para tanto, é preciso chamar a atenção do público para as vestimentas, pois, em um desfile de escola de samba, essa Ala é que precisa ter os figurinos mais elaborados da escola, uma vez que anunciam a entrada da escola na avenida. Nesse carnaval de 1991, ineditamente, a escola levou o mestre-sala e a porta-bandeira para o desfile, a fim de que apresentassem a bandeira da escola, utilizando uma vestimenta toda branca, sem brilho ou quaisquer adereços, como se observa na Ilustração 10.

Ilustração 10 – Mestre-sala e Porta-bandeira do carnaval de 1991



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1991).

A bandeira traz o branco e o azul da escola e os acessórios de cabeça eram chapéus, como na maioria dos figurinos. A pesquisa buscou por carros alegóricos neste carnaval, mas não havia registros; contudo, o carnavalesco da escola disse que foram construídos e levados para a passarela apenas dois carros.

A partir de 1992, a escola se fortalece um pouco mais após conseguir um patrocínio da Prefeitura local. Assim, visualizaram a possibilidade de comprar tudo o que precisavam para um carnaval composto por blocos, alas e carros alegóricos de forma representativa de uma escola de samba profissional. O tema de 1992 foi “Contos Infantis” e, com o samba enredo de mesmo nome, a escola levou para a avenida principal da cidade 4 carros alegóricos e 8 alas. Um dos carros representou o Sítio do Pica-pau Amarelo, com o Saci Pererê, conforme mostra a Ilustração 11.

Ilustração 11 – Carro Alegórico Sítio do Pica-pau Amarelo no carnaval de 1992



Desencanto Encanta com seu Carnaval de Rua

Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1992).

O Carro Alegórico Sítio do Pica-pau Amarelo era feito de ferro com rodas, todo coberto por tecidos e levado pela passarela por um membro da escola. A Comissão de Frente, apresentada na Ilustração 12, era composta de um grupo de dançarinos que abriu o desfile da escola, utilizando as fantasias mais elaboradas e com a missão de fazer a ligação da escola com o público.

Ilustração 12 – Comissão de Frente das Fadas do carnaval de 1992



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1992).

Essa Comissão de Frente levou para a avenida um figurino representando as fadas que produzem um efeito imaginário na criança, um mundo entre fantasias e sonhos, visto que a temática era os contos infantis. Nesse ano, com o patrocínio que o grupo recebeu, as alas puderam ser mais elaboradas, ou seja, puderam ser construídos mais figurinos para mais pessoas da comunidade ingressarem na escola e desfilarem devidamente fantasiadas. Jacinto² destaca que havia mais de trinta pessoas nas alas.

Como não poderia faltar, a Ala das Baianas se apresentou e foi formada por um grupo de mulheres que dançaram com trajes tradicionais mais elaborados que nos anos anteriores. Para o grupo, essa ala é considerada uma das principais alas da escola. Essa Ala de 1992 trouxe para a avenida um figurino com saias rodadas e muito volume,

² Entrevista concedida por Amarildo Jacinto em 04 de fevereiro de 2019. Entrevistadora: Nélia Cristina Pinheiro Finotti. Trindade, Goiás.

aventais azuis de tecido de organza – um tecido mais fino – mangas mais volumosas, e assessorios de cabeça mais desenvolvidos para o figurino, como mostra a Ilustração 13. Já os colares não apareceram nesse figurino, somente em algumas composições.

Ilustração 13 – Ala das Baianas do carnaval de 1992



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1992).

Já na Ala das Passistas, aparecem as bailarinas na frente e, logo atrás, as crianças fantasiadas de Emília, personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo, como se vê na Ilustração 14. Essa era uma ala composta somente por crianças.

Ilustração 14 – Ala das Passistas Infantis



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1992).

Neste ano, a escola conseguiu formar a Ala da Bateria para tocar o samba enredo escrito por eles. Jacinto relata que o figurino da bateria foi todo construído pela escola, assim como os instrumentos foram todos comprados graças ao patrocínio recebido (Entrevista: vide nota 2). Na Ilustração 15, é perceptível a quantidade de componentes na Ala da Bateria, com crianças e adultos se misturando entre ritmos, movimentos, danças e estilos.

Ilustração 15 – Ala da Bateria em 1992



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1992).

A bateria era composta por figurinos nas cores da escola e é notável os acessórios de cabeça que foram feitos para compor esse figurino, com plumagens que valorizaram os acessórios. O Mestre-sala e a Porta-bandeira também tiveram uma fantasia mais rica de elementos carnavalescos, mostrados na Ilustração 16.

Ilustração 16 – Mestre-sala e Porta-bandeira do carnaval de 1992



Fonte: Acervo do Grupo Teatral Desencanto (1992).

Os figurinos do Mestre-sala e da Porta-bandeira foram construídos com materiais mais nobres, como tafetá e adamascados, e o brilho ficou por conta dos tecidos. Os acessórios de cabeça contaram com a beleza das plumagens e de algumas pedrarias. Jacinto conta que a Escola de Samba Acadêmicos de Trindade conseguiu, enfim, de forma profissional, os 5 elementos mais importantes do carnaval: a Comissão de Frente; o casal de Mestre-sala e Porta-bandeira; a Ala das Baianas; a Bateria e a Ala das Passistas (Entrevista: vide nota 2).

Percebe-se que as cores representativas do carnaval de rua da escola, naquela época, eram o azul e o branco e Jacinto explica que “[...] o branco ainda é a cor do Grupo Desencanto, mas que no ano de 1997 foi construída uma identidade própria com as cores vermelho e dourado” (Entrevista: vide nota 2). O branco está presente na bandeira da escola como cor predominante do grupo e as demais cores têm um

significado, pois foi feito um estudo e, a partir de 1997, a escola passou a usar vermelho e dourado, permanecendo o branco, por causa da fé, da religiosidade e, como o grupo é representativo de uma terra que vive de fé, o vermelho e o dourado seria essencial para eles (Entrevista: vide nota 2).

Nota-se, então, a presença do sagrado nas cores da bandeira, posto que as cores vermelha, dourada e branca foram utilizadas e está na bandeira da cidade de Trindade que também tem essa cor como símbolo da religiosidade da cidade.

1.2 QUALIFICAÇÃO, PROFISSIONALIZAÇÃO E PERMANÊNCIA DA ESCOLA DE SAMBA ACADÊMICOS DE TRINDADE

Com a escola de samba completamente formada, o grupo sentiu necessidade de se qualificar e, nesta conjuntura, no ano de 2000, os catorze componentes da Diretoria Executiva foram para o Rio de Janeiro aprender com as escolas de samba de lá. A visita durou uma semana, período em que, nos barracões das escolas, o Desencanto fez pesquisas e estudou sobre material, armações, carros alegóricos, dentre tantos outros aprendizados. Os componentes do grupo teatral foram se qualificar, pois acreditavam que precisavam melhorar a estrutura física do carnaval e essa imersão foi custeada com recursos dos próprios cursistas, uma vez que a escola não podia financiar e não conseguiram patrocínio. Contudo, por mais que se qualificassem, ainda percebiam o distanciamento do seu carnaval com as escolas profissionais do Rio de Janeiro e São Paulo, por mais que estas fossem fontes de inspiração e aprendizado. Diante disso, observa-se que a Escola de Trindade se inspira naquelas, fazendo releituras de muitos figurinos por elas desfilados.

Jacinto³ relata que há muita pesquisa embasada nas escolas de samba e afirma que “[...] não podemos deixar de pesquisar, são nossas referências sempre”. Como apresentado nas diversas imagens que retratam a atuação do grupo, há os cinco elementos principais de um carnaval do Brasil na escola de samba de Trindade. Assim,

³ Entrevista concedida por Amarildo Jacinto em 20 de março de 2019. Entrevistadora: Nélia Cristina Pinheiro Finotti. Trindade, Goiás.

compreende-se que não estão isolados no fazer o carnaval; pesquisam, ou seja, é um pastiche do carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Para os desfiles, a Associação possui uma escola para profissionalizar os dançarinos, cujas aulas acontecem na própria sede do grupo. Jacinto esclarece: “[...] nós entendemos que para nosso movimento não morrer, precisamos de permanentes pessoas envolvidas. As crianças são fundamentais, pois serão o futuro da escola” (Entrevista: vide nota 3). Nota-se, pela pesquisa, que, desde seu início, a escola tem alas inteiras somente com crianças.

A pesquisa apresenta que a comunidade, seja interna ou externa ao Desencanto, começou a ser motivada ou contagiada pelo grupo para se envolver no carnaval. Este evento acontece todos os anos, no domingo de carnaval, em Trindade, na Avenida Manoel Monteiro, a partir das 20 horas. Em frente ao ginásio que fica ao lado da sede do grupo, começa a concentração que vai desde a formação da Comissão de Frente até a composição da última ala quando são realizados os últimos ajustes e a colocação de todos os carros alegóricos; com a comunidade já na avenida para ver e participar do evento. Isso gera um grande movimento com um número cada vez maior de pessoas que ajudam a finalizar tudo para o início do desfile na avenida. Jacinto conta que faz toda a organização em aproximadamente vinte e cinco minutos, e que entre 20 e 21 horas começa, com cerca de mais ou menos quinhentas pessoas envolvidas e que desfilam (Entrevista: vide nota 3).

Diante da aceitação do público, foi preciso se profissionalizar, começar a pesquisar, escrever um enredo, criar figurinos, montar carros alegóricos. Todavia, o grupo não perdeu sua essência, ou seja, para os envolvidos desde o planejamento, a preparação e a apresentação, o que acontecia era uma representação teatral, uma brincadeira, pois não havia uma competição, ou qualquer tipo de julgamento. Mas como esclarece Luz (2013, p.127), “[...] a teatralidade está dentro e fora do teatro, indo muito além dos campos artísticos, cobre significativa gama de manifestações culturais, abarcando, assim, o carnaval”. Pode-se compreender então que, mesmo sendo coisas distintas, ao mesmo tempo se encontram.

Essa espontaneidade despreziosa do Desencanto não se verifica em outras escolas de samba de hoje, ideia essa corroborada por Valença e Valença (*apud* LUZ, 2013, p.129) ao afirmarem que o “[...] carnaval deixou de ser mera brincadeira de rua para se tornar uma linguagem artística”. Os autores ainda complementam que “o carnaval deixa ano a ano de ser uma festa para se tornar um espetáculo, fugindo de sua ‘espontaneidade’ e das convenções originais” (p.129).

Atualmente, a Escola de Samba Acadêmicos de Trindade cria seus temas que dão origem ao enredo, encenado por diversas alas e muitos carros alegóricos. Para a construção destes elementos, há uma rede de vários profissionais envolvidos, como pontua Viana e Bassi (2014, p.323): “a festa carnavalesca, no caso das escolas de samba, acaba arregimentando uma infinidade de profissionais e suas mais diversas práticas”. Destarte, é necessário ter uma equipe que transforme as ideias em realidade, ou seja, pessoas que pesquisem, criem e executem estes figurinos e carros alegóricos.

Nessa circunstância, Jacinto descreve que “[...] com o passar dos anos, foi necessário se qualificar, ter pessoas envolvidas em todo o processo de construção dos figurinos, cenários e alegorias; é preciso delegar funções” (Entrevista: vide nota 3). Por isso, Jacinto foi perguntado sobre quem era o carnavalesco da Acadêmicos de Trindade e qual seu papel na escola, além de terem sido apresentadas a ele as funções do carnavalesco, de acordo com Ferreira (1999, p.115) que destaca que “[...] as funções do carnavalesco aumentam com o tempo. Se antigamente seu trabalho era apenas criar e supervisionar a execução, principalmente, de alegorias e adereços, com o tempo sua ação foi se ampliando, assim como o caráter mediador da função”.

Neste sentido, a pesquisa aponta que Jacinto faz o papel do carnavalesco da escola, pois além de ser o fundador é ele quem supervisiona e cuida de todos os detalhes, do planejamento até a apresentação na avenida. Então, o intitulamos como o Carnavalesco da Escola. Porém, o carnaval não é feito apenas pelo carnavalesco e os membros cativos do grupo. Há vários profissionais envolvidos no decorrer da preparação, a saber, como descreve Viana e Bassi (2014, p.323), “[...] sapateiros, costureiros, modelistas, adrecistas, ferreiros, pintores, desenhistas, escultores, além do carnavalesco”.

No fazer carnaval do Grupo Desencanto, por falta de recursos financeiros, tudo é feito dentro da própria escola, ou seja, na sede do grupo e pelos próprios participantes e comunidade externa. Ainda se pode compreender melhor este fazer carnaval com os apontamentos de Ferreira (1999, p.113-114) que esclarece que “estes profissionais estão profundamente ligados a ‘a expressão de uma arte que põe em relevo o patrimônio cultural’”.

O grupo trabalha com as questões culturais, nos textos por eles escritos e nas encenações que apresentam. No carnaval, não é diferente; há uma história a ser contada na avenida, bem como o respeito às questões culturais. Nesse sentido, pode-se aferir o que discursa Pavis (2015, p. 08) que,

[...] a cultura é uma espécie de modos de ser de ‘inclinações’ determináveis que as nossas representações, sentimentos e condutas assumem, em geral de forma breve, considerados todos os aspectos do nosso psiquismo e mesmo do nosso organismo biológico sobre influência do grupo.

No Desencanto, é pertinente analisar que cada componente do grupo tem a sua cultura, seus posicionamentos de mundo e, dessa forma, podemos relatar que cada indivíduo é *sui generis*, tornando o grupo heterogêneo; um local onde os partícipes se interligam com diversidade de saberes, de interpretações, de aceitação e com respeito ao próximo. Observa-se que esta junção diversificada de culturas traz um olhar holístico de mundo e, claro, os componentes podem defender seu posicionamento diante de sua cultura, mas com conhecimento de outras mais.

Dessa forma, concordamos com Benevides (2000) quando defende a relevância da formação de uma cultura de respeito à dignidade humana. Mesmo tendo uma cultura híbrida, uma miscigenação de pessoas que vem de vários lugares, o grupo possui uma homogeneidade em suas apresentações, sejam elas teatrais, carnavalescas ou outras praticadas pelo grupo.

Para melhor compreensão de cultura sob o prisma do que acredita o Grupo Desencanto, destacamos Pavis (2015, p.09) que conceitua que “[...] a cultura se transmite através daquilo que desde então, chamamos ‘herança cultural’, ou seja, de determinado número de técnicas por meio dos quais cada geração faz interiorizar, pela

seguinte, a inclinação comum do psiquismo e do organismo no qual consiste a cultura. E continua o autor pontuando que culturas são, sem dúvida, o principal meio inventado pelos homens para regular os processos da evolução mental de um indivíduo, com o intuito de conseguir uma homogeneidade relacionada com o que ocorre no âmbito mental mínimo que permita a vida em grupo. Assim, afirma que “esta regulação pela cultura é ao mesmo tempo uma repressão da espontaneidade individual e pulsional é uma expressão da criatividade humana” (PAVIS, 2015, p.10).

Ao falar em criatividade, logo pensamos em estética, seja ela com valor estético definido ou simplesmente de gosto individual. Destarte, pode-se recorrer a Canclini (1980) quando esclarece que a percepção estética depende da intervenção do sujeito que a percebe, pois tanto o observador como o objeto são determinados por um sistema de convenções que são históricas e sociais. É uma percepção que está na relação do homem/objeto, variando de acordo com a cultura, a época, até mesmo a classe social. Nesse sentido, pode-se aferir que depende do ponto de vista, ou seja, de uma perspectiva pessoal e social.

Por conseguinte, Eco (2007) relata que, ao longo dos séculos, as definições do belo são construídas por uma história das ideias estéticas através dos tempos. Já com o feio foi diferente, pois na maioria das vezes, foi definido em oposição ao belo, pois “[...] uma outra característica comum, seja história do feio, seja história do belo, é que devemos nos limitar a registrar a trajetória desses dois valores na civilização ocidental” (ECO, 2007, p.08-10).

A pesquisa aponta que o Grupo Teatral Desencanto traz em seus figurinos uma fragilidade quanto ao belo e ao feio, pois para eles há a representação de uma época, de um povo, de uma história. Assim, como pontua Eco (2007, p.10), “[...] os conceitos de belo e de feio são relativos aos vários períodos históricos nas várias culturas”. Assim, a pesquisa não tem como pretensão discutir os aspectos do feio e do belo, da arte consagrada e aprovada por pares que tem por profissão decretar estes aspectos, mas trazer a arte representada pelo Grupo Desencanto.

Jimenez (1999) ensina-nos que o belo, assim como o feio, são valores relativos não somente a uma cultura, a uma civilização, mas também um tipo de sociedade, seus

costumes, sua visão do mundo, em um dado momento da história. O relativismo em matéria de categorias estéticas há muito tempo já tomou o lugar do idealismo.

Nessa circunstância, Coli (2006) elucida que, mesmo sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito de arte, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como arte. A palavra cultura é empregada não no sentido de um aprimoramento individual do espírito, mas do conjunto complexo dos padrões de comportamento, das crenças, instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade. Dessa forma, “é possível dizer, então, que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo” (COLI, 2006, p. 08).

No desfile, as alegorias de carnaval desfiladas na avenida pela Escola de Samba Acadêmicos de Trindade, são admiradas e despertam sentimentos variados. Ainda podem estar inseridas no conceito de alegoria defendido por Eco (2018, p.112) como algo que “transforma o fenômeno em um conceito e o conceito em uma imagem, mas de modo que o conceito da imagem deva ser considerado sempre circunscrito e completo na imagem e determinado a exprimir-se através dela”.

As alegorias e figurinos do Desencanto vão para a avenida carregados de simbologia, seja para os que desfilam ou para aqueles que as percebem. Diante disso, trazemos que “[...] o simbolismo transforma o fenômeno em ideia, a ideia em uma imagem, de tal modo que a ideia na imagem permaneça sempre infinitamente eficaz e inacessível e, mesmo se pronunciada em todas as línguas, continue, todavia, inexprimível (ECO, 2018, p.112).

Infere-se, portanto, que o grupo teatral pode ser considerado como materialização dos conceitos aqui defendidos, pois transitam em seus figurinos, sejam trajes de cena ou de folguedo que estão carregados de estética; além de possuírem uma simbologia própria do grupo e uma cultura que os define. Uma cultura que conta com diversidade de atividades, com reaproveitamento de figurinos entre peças correlatas ou não; há uma estética construída por eles, a partir de outros elementos, por alguns considerada bela ou feia.

Ainda, percebe-se que o Desencanto é uma associação que transita em momentos diversificados, entre uma infinidade de atividades propostas pelo grupo. Com o carnaval não é diferente: os partícipes estão juntos e não há nenhuma separação entre o carnaval e as demais atividades, porque tanto a comunidade quanto os participantes do grupo consideram a Escola Acadêmicos de Trindade como o Grupo Desencanto. Assim, mesmo com diversas atividades, festivais, encenações, cursos, desfile de carnaval etc., todos são conhecidos e tratados como Grupo Desencanto. Com as mídias televisiva e jornalística – impressa ou não – não é diferente, pois todos são tratados como a Escola de Samba Acadêmicos de Trindade do Grupo Teatral Desencanto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As configurações sociais do Grupo Desencanto têm origem nos componentes que, em grande maioria são de classe baixa, de bairros periféricos; e estas pessoas se envolvem no fazer arte e apresentar. A população maioral do grupo é composta por pessoas que buscam oportunidades de crescimento intelectual e financeiro; que trabalham, fazem oficinas, buscam patrocínios; são a mão de obra e, ao mesmo tempo, os atores que entram em cena para apresentação do espetáculo, seja ele o Carnaval, peças teatrais diversas ou a Caminhada de Fé.

A diretoria do grupo também é composta por pessoas de classe baixa, não havendo uma relação de poder econômico ou político que determine as regras como é visto em várias instituições, ou seja, na maioria das escolas de samba do Brasil. Os membros internos ou externos ligados diretamente ao grupo são pessoas comuns, pois para a Associação Desencanto não há diferença social, religiosa ou econômica; há pessoas que querem e podem fazer a diferença na referida cidade por meio da arte e cultura.

No carnaval do Brasil, é notável, ano após ano, as escolas levarem sambas-enredo com temas polêmicos, conflituosos, nos aspectos social e político. Já no Grupo Desencanto são percebidos temas leves que podem ser compreendidos, dentro deste

contexto, como chapa branca, decorrente da proximidade com o poder político e religioso local.

Diante disso, Jacinto esclarece que, dentro do carnaval Acadêmicos de Trindade, os questionamentos sociais e políticos estão inseridos sim, não no samba-enredo, nas no decorrer do desfile, posto que há alas que apresentam os problemas sociais e políticos regionais ou globais, e as próprias soluções são apresentadas mesmo que de forma lúdica, por meio das cenas e dos figurinos (Entrevista: vide nota 3). Ainda é perceptível uma característica marcante nos figurinos do carnaval: são utilizadas muitas vestimentas da moda contemporânea, tornando um figurino de carnaval apropriado pela moda de rua, ou seja, há elementos que caracterizam essa moda de rua, ou do dia a dia, tais como: os sapatos de muitos participantes que são de seu uso pessoal; as camisetas como forma de abadá; e muitos dos acessórios utilizados para compor a fantasia são de uso pessoal dos participantes.

Apesar do discurso desprezioso e igualitário, participar de uma escola de samba traz prestígio social, principalmente, no que tange à posição em que se vai desfilar, ou seja, ser um destaque, uma rainha de bateria, entre outros faz com que o pobre se torne rico. No Grupo Desencanto, como não há venda de fantasias ou qualquer tipo de disputa pelo poder social, não acontece de quem tem mais levar a melhor posição na avenida. No carnaval, o grupo se afasta do religioso e se aproxima da esfera política. O patrocínio da prefeitura é um indicativo a ser percebido.

A Escola Acadêmicos de Trindade, em número de participantes, é considerada uma das maiores do Estado de Goiás, conforme relata Jacinto ao afirmar que a escola é considerada a maior em número de participantes em carnaval aberto ao público, principalmente quando se considera o número de habitantes da cidade (Entrevista: vide nota 3).

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Nestor Garcia. **A socialização da arte: teorias e práticas na América Latina**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986
- _____. **Carnavais, malandros e heróis**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ECO, Umberto. **História da Feiura**. Tradução Eliane Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. **Arte e Beleza: na estética medieval**. 4. ed. Tradução Mario Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FERREIRA, Felipe. **O marquês e o jegue: estudo da fantasia para escolas de samba**. Rio de Janeiro: Alto da Glória, 1999.
- JEMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.
- MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus**. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2004.
- SOUZA, Anderson Luiz de. **O trabalho do figurinista: projeto, pesquisa e criação**. Porto Alegre: INDEPIn, 2013.
- PAVIS, Patrice. **O teatro no cruzamento de culturas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- _____. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- VIANA, Fausto; BASSI, Carolina Rosane. **Traje de cena, traje de folgado**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- BENEVIDES, Maria Victoria. Educação em direitos humanos: de que se trata? In: **Seminário de Educação em Direitos Humanos**, São Paulo, 18 fev. 2000. Disponível em: <http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/Benevides%20MV%202000%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20em%20DH%20de%20que%20se%20trata.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2018.
- LUZ, Ana Luiza da. A teatralidade para além dos palcos na avenida do carnaval. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**. Rio de Janeiro, v. 10, n.2, p.127 – 150, nov. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/10220>. Acesso em: 20 de out. de 2018



Artista: **George dos Anjos**